

o homem incomodado

*Loildo Teodoro Roseira*¹

deixe-me espiar o mercador
avante, adiante, ante...
nos eleva-dores do centro,
onde o tempo es-
corre
corre
corre
contra o deslucro,
em pontualidade britânica.

deixe-me testemunhar
os farrapos sob o viaduto,
lázarus,
às bordas condenados.

deixe-me aqui,
na passagem fluente
dos corpos,
líquidos;
e dos autos personificados,
falantes,
mas para sempre desalmados.

deixe-me perambular
sob o manto acinzentado.

os letreiros vivem,
os aromas convidam,
o frontispício convoca.

deixe-me pertencer
à horda cidadina,
ao labirinto de asfalto.

deixe-me vaguear
na noite dos insones,
baudelaires ruando a esmo.

Pedro é um senhor de 62 anos, casado, pai de família e bem-sucedido. Quem o conhece já o ouviu dizer, não poucas vezes, que seu êxito honra os esforços de seu bisavô na produção de açúcar em Pernambuco. Foi do espólio do velho patriarca que seu avô abriu um cartório em São Paulo, que seu pai expandiu e aprimorou e que ele agora eleva ao status de grande referência do ramo na cidade. Como aqueles antepassados, Pedro é autoridade de respeito. Em sua repartição, todos o acatam e consultam, certos de uma opinião sensata ou determinação segura. E o temem também. Não sem motivos. Ninguém é mais criterioso e exigente na avaliação de um trabalho ou conduta dos funcionários. “O velho tá vindo”; “deixa o velho ver isso!”, dizem, ao menor sinal de deslize de um colega. E ele vê. Uma planilha mal feita, um quadro torto na parede, uma mesa empoeirada; tudo cai na censura do burocrata, normalmente expressa num leve balançar de cabeça pros lados como num pêndulo. Entendem logo o gesto e tratam de se emendar, alinhar ou assear o que quer que seja. E é assim em dias bons; nos maus o escritório transpira a tensão de um exército sitiado. “Você viu a cara azeda dele?”; “hoje o homi tá o cão...”, comenta o estafe pelos corredores.

Mas a causa dos humores do “homi” não se revela a qualquer um. Esse é privilégio de Lídia, sua esposa, que ouve ao fim de cada dia um balanço de seus aborrecimentos. “Lídia, você viu?”; “Lídia, você acredita...?” Um escândalo político, uma infração no trânsito, uma bituca no chão, um fura-fila, uma roupa inadequada, um verbo mal conjugado; para tudo desfia um relato crítico a que sua mulher geralmente responde com um sorriso tímido e complacente como quem diz: “pois é...” Encorajado pela expressão de Lídia, persiste em seus protestos à solta. Ali, na mesa da cozinha, sua avaliação do que é e do que não é se prolonga do fim da tarde à noite e sobrevive às últimas linhas do jornal, a um bule de café e, há quem diga, à paciência da esposa. Ao fim ele conclui que os tempos estão mudados, que o homem é um animal desprezível ou que este país não tem jeito e propõe que se mudem pra algum lugar onde haja ordem. Inglaterra, Alemanha, ou Japão, talvez. Este é o único

¹ E-mail para contato: loildo@usp.br.

ponto em que Lídia esboça divergência, lembrando ao marido que não gosta de frio, que não fala inglês e nem língua estrangeira nenhuma e que não vive longe de seus netos. “Ah, isso não!”, responde Pedro, dando-se conta de que também não abre mão de os ter por perto e acrescenta que o projeto “não precisa ser pra já, mas quando os meninos estiverem maiores. Eles são inteligentes; vão pela escolha do avô”. Mas isso não causa a Lídia grandes preocupações, sabendo que o tal projeto pode demorar ou nunca vir a se realizar, porque seus filhos “jamais permitiriam um disparate desses”. E muda de assunto, fala do tempo. “O tempo...”, completa ele, dizendo que está um horror, que o aquecimento global vai nos matar a todos e que é bem feito pra estupidez humana. Só resta a ela recorrer à sua dor de cabeça e dizer que vai se deitar mais cedo. “As mulheres...”, lamenta ele consigo, “não têm tutano nem estômago pra entender e digerir a realidade.”

Lídia vai dormir cansada, mas contente de saber que tem um marido correto, corretíssimo, apesar de tudo. Agora que têm seu próprio canto, seus filhos o adoram e relatam orgulhosos a amigos sobre quando seu pai devolveu à Receita dinheiro que por engano depositaram em sua conta, recontam o dia quando encontrou uma carteira cheia na rua e comunicou imediatamente ao dono, ou ainda revelam com ufanía que nunca um único funcionário o processou por uma causa trabalhista sequer. “ Perguntem a fulano”, asseveram, como garantia da verdade dos fatos.

Pedro agora passa mais tempo com a família, sai mais cedo do trabalho e faz até caminhadas. Recomendações médicas, que ele segue sob protestos e cedendo às instâncias da mulher. Não fossem as tais palpitações, visões turvas e uns tiques aqui e ali, e ele estaria levando sua vida de sempre, dedicado ao trabalho e livre de estar andando por aí como “um cão adestrado”.

Há um mês o cartorário faz às tardes um trajeto do escritório à sua casa, apreciando São Paulo em três quilômetros e meio sofridos de caminhada; e de tênis e shorts! mal se reconhecendo sem o terno e a gravata. E segue incomodado pelo caminho com olhos de fiscal, colecionando desapontamentos, reprovando possíveis obras superfaturadas, o crescimento desordenado, e incivildades de todo tipo, até parar em uma das lanchonetes da Ruas dos Pinheiros, onde toma seu café.

Ele anda pensativo, com certa apatia cuja causa mesma não pode aceitar e digerir muito bem. Entre um gole e outro de café recorda um dia aziago de uma semana atrás e o reconstitui mentalmente pra se convencer do ocorrido.

Pedro se lembra que acordou cedo como de costume e, ao invés de pegar um taxi como sempre fez em dias de rodízio, caminhou até a estação Faria Lima. De lá são quatro paradas até algumas poucas quadras de seu escritório. Já havia esquecido como era o mundo subterrâneo. Assim como os carros na superfície, que dão sinais sonoros de impaciência a um segundo de descuido do motorista a frente que não viu o farol se abrir, se um passo vacilasse na estação sem

acompanhar o ritmo dos outros, já se sentia uma fun-gada e um resmungo pelas costas.

Os nervos estavam abalados na estação. Por algum motivo, o trem se demorava, forçando a todos se apin-nhar imóveis num calor de dezembro. O sentimento do cartorário foi de pena. Lamentava por quem tinha aquele cenário como rotina inexorável. Encostou-se sobre a parede da plataforma esperando que a linha se normalizasse, enquanto uma enxurrada de gente descia pelas escadas, aumentando o calor e a ansie-dade que se arrebetava pelas narinas em bufadas. E passavam pra cá e pra lá, se esbarrando, pisando nos pés uns dos outros, se acotovelando ou se espremen-do entre si. Pedro mal podia mexer o pescoço, cuja posição mais confortável dava de frente a uma tela luminosa onde se viam certas imagens. Sua reação foi de curiosidade e espanto. Não que nunca houves-se visto um videoclipe na vida, ainda que de relance, mas “aquilo... o que é aquilo?”, se perguntava. Via na tela, à frente de um cenário de cores exuberan-tes, uma espécie de misto entre histrião e prostituta em poses lascivas, cantando e sacolejando como em espasmos. O aperto, as cores e os gestos o pu-seram tonto; tanto mais quando, somado a isso, ha-via quem reproduzisse ao seu lado, pelo celular, sons estridentes e dissonantes, em harmonia com aquelas imagens. Seu ombro esquerdo e o canto direito de sua boca pareciam acompanhar os ruídos, moven-do-se rápida e aleatoriamente como em pequenas convulsões. Olhou para os lados até onde o pescoço podia alcançar pra verificar se alguém o notava; mas concluiu que ninguém daria por ele ainda que o ca-so fosse de um ataque epilético. Estavam ocupados com seus aparelhos eletrônicos. Finalmente um trem parou na estação. E todos caminharam lentamente em sua direção, com o pescoço curvado pra baixo, os olhos em suas pequenas telas, deixando-se guiar pelos pés em passos miúdos. Formava-se do lado de fora um tal aglomerado de gente em frente à porta do trem que obstava a saída de quem estava dentro. “Estou grávida!”, gritou uma mulher, buscando sen-sibilizar a multidão e abrir passagem. “Eu também!”, respondeu um homem do lado de fora alisando sua pança, provocando risos, comentários indignados e xingamentos.

O trem saiu tão apinhado que a onisciência ficou do lado de fora. Mas é de se supor que Pedro tenha se-guido com seus tremores até o destino, pois foi as-sim que, na saída, subiu as escadas que davam pra rua da Consolação. “O senhor gosta de crianças?”, perguntou uma mocinha com sorriso de reclame do lado de fora, de plaqueta à mão. Vendo que Pedro não havia entendido a pergunta, ou que precisava de confirmação, a repetiu com a mesma entonação entusiasmada. E ele respondeu que sim, embora he-sitante e com ar um tanto curioso. Ela então explicou que representava uma instituição beneficente que ajuda crianças com câncer e que ele poderia contri-buir com uma pequena quantia mensal, bastando pra isso deixar o número do seu cartão de crédito. Pedro elaborava mentalmente argumento pra se desvenci-lhar da moça, recorrendo aos muitos impostos que

já paga, à gente toda que emprega e destacando por fim a sorte de o país ter cidadãos comprometidos com o trabalho e o progresso como ele, o que o dispensava totalmente de “caridades duvidosas”. Mas tão rápido como esse pensamento um homem que se rastejava pela calçada se aproximou e o agarrou pela barra da calça pedindo dramaticamente por uma moeda. “Senhor?!”, interpelava a moça de um lado; “só cinquenta centavos”, apelava o pedinte do outro. Atormentado e já manifestando os tais sintomas, ele se retirou com certo ímpeto e sem dizer uma palavra, deixando “aquela gente impertinente” a se importunar e se ressentir mutuamente, quando, na pressa de sair dali e chegar logo ao trabalho, pisou em falso em um buraco na calçada, caindo de cara no chão.

Não há quem não tenha sofrido ou visto um tombo na vida, mas como não se cai nunca do mesmo jeito e como uma queda não é apenas cômica por si só, mas parece reavivar as graças de todas as outras, cair é sempre fazer rir. E assim Pedro, que se recusava à caridade, deu a muita gente motivos pra gargalhar, chocalhar e esquecer por um instante suas misérias. A compaixão chegou mais tarde, combalida das pernas pelo espasmo cômico, de nervos relaxados, e atrapalhada. “O senhor tá bem?”; “se machucou?!”. Ao que ele respondia com resmungos e um discreto balançar afirmativo de cabeça. Aliviadas de si, as consciências em volta deram livre passagem ao cartório, cujos membros já sambavam involuntariamente, e às gargalhadas, com a impressão de que o dia começava bem.

Praguejando, maldizendo o buraco, a cidade, o país e invocando “o diabo que os carregue”, Pedro seguiu rumo ao seu cartório, onde já notavam sua ausência. “Será que ele tá doente ou... morreu?!” perguntava uma recepcionista, lembrando-se que nunca soube de um atraso seu em muitos anos na firma. “Ih, vazo ruim, minha filha...”, respondeu outra, certa de que o “velho” não tardava a chegar; e chegou, esbaforido, desalinhado e intragável. “Liga pra” fulano, “chama” sicrano, ordenava, em tom imperativo.

Foi a custo, mas não sem um certo prazer, que as moças comunicaram a seu patrão que fulano, sicrano e ainda beltrano não se encontravam e que não voltariam tão cedo, pois aderiam à greve municipal deixando um comunicado oficial expedido pelo sindicato.

Pedro era só tremores.

treinamento para habilitados

Maria Scarte¹

O poeta escreveu um livro sobre a cidade

Vila Maria Vila Maria

Só seus contornos que me sobraram

Só a terra debaixo do asfalto

Testemunharam a cidade grande mas provinciana

Quisera ver o que viam nos anos vinte

Nos cinquenta e nos sessenta

Mas a memória das pessoas daqui não chega nos detalhes mórbidos

Na paisagem fixa em constante mudança

No tempo bruto e sem semelhança

Vila Maria Vila Maria

Vila Maria Vila Mariana

As voltas que seu corpo faz

Só transportam o olhar sagaz

De quem constrói e não se satisfaz

De quem vive e não acha paz

Sempre trabalha querendo mais

Vila Maria Vila Maria

Qual é o encanto que esse chão tem

Qual é o frescor dessa poluição

Qual é o rio que não é Tietê

Que bateria é essa no meu coração

¹ E-mail para contato: mscarte@outlook.com.